

Biografia de Mahommah G. Baquaqua*

Apresentação
Silvia Hunold Lara
Universidade Estadual de Campinas

Um dia, quando estava começando a organizar este número da *Revista Brasileira de História*, numa conversa com Peter Eisenberg, ele me disse:

“–Vou por logo as cartas na mesa. Tenho um documento incrível, mas um pouco longo, que gostaria de ver publicado em português. Posso traduzi-lo e podemos pensar em publicar parte dele na R. B. H. O que você acha?”

Ao ver do que se tratava, concordei de imediato: realmente, Peter tinha em mãos uma pequena jóia! Ele havia conseguido obter, depois de várias pesquisas e tentativas, o texto da biografia de Mahommah G. Baquaqua. Trata-se de um ex-escravo, sua vida na África, sua escravização e transporte para o Brasil, de suas experiências como escravo em Pernambuco junto a um padeiro, sua venda para o capitão de um navio que viajava até o Rio Grande do Sul, sua viagem até os Estados Unidos, da fuga para conseguir a liberdade, sua viagem ao Haiti, uma viagem de volta aos Estados Unidos e daí para o Canadá; a narrativa de uma vida extraordinária que também traz dados extraordinários sobre as experiências escravas no Brasil e nas Américas. Um documento raro, especialmente se pensarmos na escassez de testemunhos escravos *diretos* sobre a escravidão no Brasil.

Peter começou a traduzir o texto, mas não pôde terminar o trabalho. Publico, então, uma parte deste relato (justamente aquela que se refere ao Brasil), não só como uma homenagem a um amigo e colega de ofício que já se foi, mas especialmente porque testemunhei sua sensibilidade como historiador e profissional e seu desejo de ver divulgado um documento tão importante quanto este.

Esclareço que este texto foi publicado em Detroit em 1854. Está escrito na primeira e na terceira pessoa, pois o relato foi compilado e editado por Samuel Moore, engajado na luta abolicionista. Os limites desta revista não

* Mahommah G. Baquaqua, *Biography of Mahommah G. Baquaqua. A native of Zoogoo, in the interior of Africa*. Edited by Samuel Moore, Esq. (Detroit: George E. Pomery and Co., Tribune Office, 1854) pp. 40-57). Tradução: Sonia Nussenzweig.

permitem a edição completa do texto – algo que pretendo fazer mais tarde. Por agora, os leitores podem desfrutar do privilégio de ler parte desta biografia de Mahommah G. Baquaqua e entrarem no mundo da escravidão no Brasil da primeira metade do século XIX pelas mãos de alguém que a experimentou na própria pele, e que dela guarda uma memória construída através das experiências da vida.

S.H.L.

“(…) Em Gra-fe vi o primeiro homem branco o que, pode ter certeza, chamou-me muito a atenção. As janelas das casas também pareciam estranhas, pois era a primeira vez em minha vida que via casas com janelas. Levaram-me à casa de um homem branco, onde permanecemos até a manhã seguinte, quando me trouxeram o café da manhã. E, imagine minha surpresa quando vi que a pessoa que trazia minha comida era um velho conhecido, um conterrâneo. Ele não me reconheceu a princípio, mas quando me perguntou se meu nome era Gardo, e eu lhe disse que sim, o pobre homem encheu-se de alegria e tomou minhas mãos e me sacudiu violentamente, tão contente estava em me rever. Seu nome era Woo-roo, vinha de Zoogoo, e fora escravizado há cerca de dois anos; seus amigos não tinham idéia do que tinha acontecido com ele. Perguntou-me sobre seus amigos em Zoogoo, se eu viera de lá recentemente, olhou para minha cabeça e observou que meus cabelos estavam cortados do mesmo jeito como quando estávamos juntos em Zoogoo e eu concordei. Talvez caiba notar aqui que, na África, as nações das distintas partes do território têm seus modos diferentes de cortar o cabelo e são conhecidas, por essa marca, a que parte do território pertencem. Em Zoogoo, o cabelo de ambos os lados da cabeça é raspado e, em cima da cabeça, da testa até atrás, deixa-se o cabelo crescer em três mechas redondas que ficam bem compridas mantendo-se os espaços entre elas raspados rente à cabeça. Para alguém familiarizado com os diferentes cortes, não há dificuldade em reconhecer a que lugar um homem pertence.

Woo-roo parecia muito ansioso para que eu permanecesse em Gra-fe mas meu destino era outro. Esta vila situava-se à margem de um grande rio. Depois do café da manhã, levaram-me ao rio e colocaram-me num barco. O rio era muito largo e bifurcava em duas direções antes de desembocar no mar. O barco em que os escravos foram colocados era grande e impulsionado por remos, embora também tivesse velas. No entanto, como o vento não era suficientemente forte, tinha-se que usar também os remos. Estávamos há duas noites e um dia nesse rio, quando chegamos a um lugar muito bonito, cujo nome não me lembro. Não ficamos ali por muito tempo, tão logo os

escravos foram reunidos e o navio estava pronto para velejar, fizemo-nos ao mar. Enquanto estivemos nesse lugar, os escravos foram enjaulados, colocaram-nos de costas para a fogueira e deram ordens para não olharmos à nossa volta. Para se assegurarem de nossa obediência, um homem se postou à nossa frente com um chicote na mão pronto para açoitar o primeiro que ousasse desobedecer; outro homem circulava com um ferro quente e nos marcava como a tampas de barril ou a qualquer outro bem ou mercadoria inanimada.

Quando estávamos prontos para embarcar, fomos acorrentados uns aos outros e amarrados com cordas pelo pescoço e assim arrastados para a beiramar. O navio estava a alguma distância da praia. Nunca havia visto um navio antes e pensei que fosse algum objeto de adoração do homem branco. Imaginei que seríamos todos massacrados e que estávamos sendo conduzidos para lá com essa intenção. Temia por minha segurança e o desalento se apossou quase inteiramente de mim.

Uma espécie de festa foi realizada em terra firme naquele dia. Aqueles que remaram os barcos foram fartamente regalados com uísque e, aos escravos, serviam arroz e outras coisas gostosas em abundância. Não estava ciente de que esta seria minha última festa na África. Não sabia do meu destino. Feliz de mim que não sabia. Sabia apenas que era um escravo, acorrentado pelo pescoço, e devia submeter-me prontamente e de boa vontade, acontecesse o que acontecesse. Isso era tudo quanto eu achava que tinha o direito de saber.

Por fim, quando chegamos à praia, e estávamos em pé na areia, oh! como eu desejei que a areia se abrisse e me engolisse. Não sou capaz de descrever minha desolação. O leitor pode imaginar, mas qualquer coisa parecida com um esboço de meus sentimentos não seria, nem de longe, um retrato fiel. Escravos vindos de todas as partes do território estavam ali e foram embarcados. O primeiro barco alcançou o navio em segurança, apesar do vento forte e do mar agitado; o próximo a se aventurar, porém, emborcou e todos se afogaram, com exceção de um homem. Ao todo, trinta pessoas morreram. O homem que se salvou era muito corpulento e estava em pé na proa. Ele tinha uma corrente na mão, que agarrava com muita força, procurando equilibrar o barco. Quando o barco virou, ele foi lançado ao mar com os outros. Mas, subindo à superfície de algum jeito embaixo do barco, ele conseguiu revirá-lo. Assim, salvou-se saltando para dentro do barco quando este se endireitou. Isso exigiu muita força, e o fato de ser um homem vigoroso lhe deu vantagem sobre os demais. Fui colocado no próximo barco que seguiu rumo ao navio. Mas Deus houve por bem me poupar, talvez por alguma boa razão. Fui então colocado no mais horrível de todos os lugares,

O NAVIO NEGREIRO

Seus horrores, ah! quem pode descrever? Ninguém pode retratar seus horrores tão fielmente como o pobre desventurado, o miserável desgraçado que tenha sido confinado em seus portais. Oh! amigos da humanidade, tenham piedade do pobre africano, alijado e afastado de seus amigos e de seu lar, ao ser vendido e depositado no porão de um navio negreiro, para aguardar ainda mais horrores e misérias em uma terra distante, entre religiosos e benevolentes. Sim, até mesmo entre eles. Mas, vamos ao navio! Fomos arremessados, nus, porão adentro, os homens apinhados de lado e as mulheres do outro. O porão era tão baixo que não podíamos ficar em pé, éramos obrigados a nos agachar ou a sentar no chão. Noite e dia eram iguais para nós, o sono nos sendo negado devido ao confinamento de nossos corpos. Ficamos desesperados com o sofrimento e a fadiga.

Oh! a repugnância e a imundície daquele lugar horrível nunca serão apagadas de minha memória. Não: enquanto a memória mantiver seu posto nesse cérebro distraído, lembrarei daquilo. Meu coração até hoje adocece ao pensar nisto.

Que aqueles *indivíduos humanitários*, que são a favor da escravidão, coloquem-se no lugar do escravo no porão barulhento de um navio negreiro, apenas por uma viagem da África à América, sem sequer experimentarem mais que isso dos horrores da escravidão; se não saírem abolicionistas convictos, então não tenho mais nada a dizer a favor da abolição. Acho, no entanto, que suas opiniões e sentimentos relativos à escravidão se modificariam de algum modo. Se não, deixem-nos prosseguir no curso da escravidão, e cumprir seu tempo trabalhando em um campo de algodão, arroz, ou outra plantação. Se não disserem pare, basta! acho que devem ser feitos de ferro, sequer possuindo corações ou almas. Imagino que, em toda a criação, haja apenas um lugar mais horrível que o porão de um navio negreiro, e esse lugar é aquele onde os donos de escravos e seus lacaios muito provavelmente se encontrarão algum dia quando, ai de mim, será tarde demais, tarde demais!

A única comida que tivemos durante a viagem foi milho velho cozido. Não posso dizer quanto tempo ficamos confinados assim, mas pareceu ser muito tempo. Sofríamos muito por falta de água, que nos era negada na medida de nossas necessidades. Um quartilho por dia era tudo que nos permitiam e nada mais. Muitos escravos morreram no percurso. Houve um pobre companheiro que ficou tão desesperado pela sede que tentou apanhar a faca do homem que nos trazia água. Foi levado ao convés e eu nunca mais soube o que lhe aconteceu. Suponho que foi jogado ao mar.

Quando qualquer um de nós se tornava rebelde, sua carne era cortada com uma faca e o corte esfregado com pimenta e vinagre para torná-lo pacífico (!). Como os demais, fiquei muito mareado de início, mas nosso sofrimento não causou preocupação alguma aos nossos brutais donos. Nosso sofrimento era da nossa conta, não tínhamos ninguém com quem pudéssemos compartilhá-lo, ninguém para cuidar de nós ou até mesmo nos dizer alguma palavra de conforto. Alguns foram jogados ao mar antes que o último suspiro exalasse de seus corpos; quando supunham que alguém não iria sobreviver, era assim que se livravam dele. Apenas duas vezes durante a viagem nos permitiram subir ao convés para que pudéssemos nos lavar – uma vez enquanto estávamos em alto mar, e outra pouco antes de entrarmos no porto.

Chegamos em Pernambuco, América do Sul, de manhã cedo e o navio ficou zanzando durando o dia, sem lançar âncora. Ficamos sem comida e sem bebida o dia inteiro e nos foi dado a entender que deveríamos permanecer em silêncio absoluto, sem clamor algum, senão nossas vidas estariam em perigo. Mas quando “a noite lançou seu manto de trevas sobre a terra e o mar”, deitaram ferros e nos permitiram ir ao convés para sermos vistos e manuseados por nossos futuros senhores, que vieram da cidade. Desembarcamos a algumas milhas da cidade, na casa de um fazendeiro, que era usada como uma espécie de mercado de escravos. O fazendeiro tinha uma grande quantidade de escravos e não demorou muito para que eu o presenciasse empregando livremente seu chicote contra um rapaz. Essa cena causou-me uma impressão profunda pois, é claro, imaginei que em breve este seria meu destino. E oh!, não tardou, ai de mim, para que meus temores se realizassem.

Quando desembarquei, senti-me grato à Providência por ter me permitido respirar ar puro novamente, pensamento este que absorvia quase todos os outros. Pouco me importava, então, de ser um escravo, havia me safado do navio e era apenas nisso que eu pensava. Alguns escravos a bordo sabiam falar português. Haviam vivido no litoral com famílias portuguesas e faziam o papel de intérpretes. Não eram colocados no porão como nós, mas desciam ocasionalmente para nos dizer uma coisa ou outra.

Estes escravos nunca sabiam que seriam despachados até o momento em que eram colocados a bordo do navio. Permaneci nesse mercado de escravos apenas um dia ou dois, antes de ser vendido a outro traficante na cidade que, por sua vez, me revendeu a um homem do interior, que era padeiro e residia num lugar não muito distante de Pernambuco.

Quando um navio negreiro aporta, a notícia espalha-se como um rastilho de pólvora. Acorrem, então, todos os interessados na chegada da embarcação com sua carga de mercadoria viva, selecionando do estoque

aqueles mais adequados aos seus propósitos, e comprando os escravos da mesmíssima maneira como se compra gado ou cavalos num mercado. Mas, se num carregamento não houver o tipo de escravo adequado às necessidades e desejos dos compradores, encomenda-se ao Capitão, especificando os tipos exigidos, que serão trazidos na próxima vez em que o navio vier ao porto. Há uma grande quantidade de pessoas que fazem um verdadeiro negócio dessa compra e venda de carne humana e que só fazem isso para se manter, dependendo inteiramente desse tipo de tráfico.

Durante minha viagem no navio negreiro, consegui aprender um pouco de português com aqueles homens que mencionei antes e, como meu senhor era um português, podia compreender muito bem o que ele queria e lhe dei a entender que faria tudo o que ele precisava tão bem quanto me fosse possível, e ele pareceu bastante satisfeito com isso.

Sua família era composta por ele, sua mulher, duas crianças e uma parente. Além de mim, ele tinha quatro escravos. Ele era católico, e fazia regularmente orações com a família duas vezes por dia, mais ou menos da seguinte maneira: Ele tinha um grande relógio na entrada de sua casa dentro do qual havia algumas imagens feitas de barro, que eram utilizadas no culto. Nós todos tínhamos que nos ajoelhar diante delas; a família na frente e os escravos atrás. Fomos ensinados a entoar algumas palavras cujo significado não sabíamos. Também tínhamos que fazer o sinal da cruz diversas vezes. Enquanto orava, meu senhor segurava um chicote na mão e aqueles que mostravam sinais de desatenção ou sonolência eram prontamente trazidos à consciência pelo toque ardido do chicote. Esta era principalmente a sina das escravas, que adormeciam apesar das imagens, das persignaões e de outros divertimentos semelhantes.

Em breve me puseram para trabalhar pesado, trabalho a que ninguém é submetido, a não ser escravos e cavalos. Quando este homem me comprou, ele estava construindo uma casa. Era necessário buscar pedras para a construção a um distância considerável, do outro lado do rio, e fui forçado a carregá-las. Eram tão pesadas que três homens foram incumbidos de erguê-las e colocá-las sobre minha cabeça, fardo que era obrigado a sustentar por pelo menos um quarto de milha, até o local onde se encontrava o barco. Às vezes, a pedra exercia tamanha pressão sobre minha cabeça que era obrigado a jogá-la no chão. Meu senhor ficava bravo quando isso acontecia e costumava dizer que o cassoori (cachorro)* havia jogado a pedra no chão enquanto eu, no íntimo, pensava que ele é que era o pior cachorro; mas era apenas um pensamento, já que não ousava expressá-lo em palavras.

* Grafado desta forma no original, seguido pela tradução para o inglês "(dog)" (N.T.)

Meu conhecimento da língua Portuguesa melhorou rapidamente enquanto estava ali e, muito em breve, conseguia contar até cem. Fui então encarregado pelo meu senhor de vender pão, primeiro percorrendo a vila, seguindo de lá para o campo e, ao entardecer, depois de ter voltado para casa, ia para o mercado onde vendia até as nove horas da noite. Como era bastante honesto, perseverante, geralmente vendia tudo mas, às vezes, não era tão bem sucedido e, nessas ocasiões, o açoitado era meu quinhão.

Meus companheiros de cativeiro não eram tão constantes quanto eu, sendo muito dados à bebida e, por isso, eram menos rentáveis para meu senhor. Aproveitei disso para procurar elevar-me em sua opinião, sendo muito prestativo e obediente, mas tudo em vão; fizesse o que fizesse, descobri que servia a um tirano e nada parecia satisfazê-lo. Então comecei a beber como os outros e, assim, éramos todos da mesma laia, mau senhor, maus escravos.

As coisas iam de mal a pior e estava muito ansioso para trocar de senhor, então tentei fugir mas logo fui apanhado, atado e restituído a ele. Em seguida, tentei ver o que me aconteceria se fosse desleal e indolente. Assim, um dia, quando me mandaram vender pão como de costume, vendi apenas uma pequena quantia e, com o dinheiro que recebi, comprei uísque e bebi à vontade, voltando para casa bastante embrigado. Quando fui fazer as contas da diária, meu senhor pegou minha cesta e, descobrindo o estado em que as coisas estavam, fui muito severamente espancado. Eu disse a ele que não deveria mais me açoitar e fiquei com tanta raiva que me veio à cabeça a idéia de matá-lo e, em seguida, suicidar-me. Por fim, resolvi me afogar. Preferia morrer do que viver sendo um escravo. Corri então até o rio e me joguei na água mas, como fui visto por algumas pessoas que estavam num barco, fui salvo. A maré estava baixa, senão seus esforços teriam provavelmente sido inúteis e, não obstante a minha predisposição, agradei a Deus por ter preservado minha vida e impedido que um ato tão perverso se consumasse. Isso me levou a refletir seriamente que “Deus se move por caminhos misteriosos” e que todos os seus atos são atos de benevolência e misericórdia.

Nessa época, eu era apenas um pobre pagão, quase tão ignorante quanto um Hotentote, e não havia aprendido sobre o verdadeiro Deus ou quaisquer de seus mandamentos Divinos. No entanto, embora fosse ignorante e escravo odiava a escravidão, principalmente porque, suponho, era uma de suas vítimas. Depois deste triste atentado contra minha vida, fui levado à casa de meu senhor que atou minhas mãos para trás, colocou-me de pés juntos, chicoteou-me sem misericórdia e me espancou na cabeça e nas faces com uma vara pesada, em seguida ele me sacudiu pelo pescoço e lançou minha cabeça contra os batentes da porta cortando e contundindo a região em torno

de minhas têmporas. As cicatrizes desse tratamento selvagem são visíveis até hoje e assim permanecerão pelo resto de minha vida.

Depois de toda essa crueldade, ele me levou à cidade e me vendeu a um traficante ao qual já haviam me enviado uma vez. Porém, naquela ocasião, seus amigos lhe haviam aconselhado a não se desfazer de mim, pois consideravam que ele se beneficiaria mais me mantendo, já que eu era um escravo rentável. Não relatei nem uma décima parte do cruel sofrimento que suportei enquanto servia a esse patife com fei es humanas. Os limites desta obra não permitirão mais que uma olhada apressada às diferentes cenas que aconteceram em minha carreira. Poderia contar mais do que seria agradável a "ouvidos educados", o que, certamente, não faria bem algum. Poderia relatar acontecimentos que "congelariam vosso sangue juvenil, dilacerariam vossa alma, e fariam cada fio de cabelo se erguer como os espinhos de um amedrontado porco espinho". Contudo, seria apenas uma repeti o dos mil e um contos, freqüentemente narrados, dos horrores do cruel sistema da escravidão.

O homem a quem fui novamente vendido era de fato muito cruel. Ele comprou duas fêmeas na ocasião em que me adquiriu. Uma delas era uma menina muito bonita a quem ele tratou com escandalosa barbaridade.

Depois de algumas semanas, ele me despachou de navio para o Rio de Janeiro onde permaneci duas semanas até ser vendido novamente. Havia l  um homem de cor que queria me comprar mas, por uma ou outra razão, não fechou o negócio. Menciono esse fato apenas para ilustrar que a posse de escravos se origina no poder, e qualquer um que dispõe dos meios para comprar seu semelhante com o vil metal pode se tornar um senhor de escravos, não importa qual seja a sua cor, seu credo ou sua nacionalidade; e que o homem negro escravizaria seu semelhante tão prontamente quanto o homem branco, tivesse ele o poder.

Finalmente, fui vendido para o Capitão de um navio que poderia ser qualificado de um "caso difícil". Ele me convidou para conhecer sua Senhora (esposa)*. Fiz minha melhor reverência para ela e, em breve, fui instalado em meu novo posto, que consistia em polir as peças de bronze que se encontravam no navio, lavar as facas e os garfos, e fazer outras pequenas tarefas que têm que ser feitas na cabine. De início, não gostei da minha situa o mas, ao me familiarizar com a tripula o e o restante dos escravos, me dei bastante bem. Em pouco tempo fui promovido ao cargo de segundo camareiro. O camareiro cuidava da dispensa e eu levava as provisões ao cozinheiro e servia à mesa; como era bem esperto, eles me mantinham muito ocupado. Pouco tempo depois, o capitão e o camareiro tiveram um

* Grafado desta forma no original, seguido pela tradu o para o inglês "(wife)". (N.T.).

desentendimento e este abandonou o seu cargo, ocasião em que as chaves de seu ofício foram entregues aos meus cuidados. Fiz tudo que estava ao meu alcance para agradar meu senhor, o capitão, e ele, por sua vez, depositou confiança em mim. A senhora do capitão era tudo menos uma boa mulher; tinha um temperamento deplorável. O capitão a havia raptado em Santa Catarina, quando ela estava prestes a se casar e creio que nunca se casou com ela. Frequentemente ela me fez cair em desgraça diante de meu senhor e, então, eu era infalivelmente açoitado. Por vezes ela fazia de tudo para que eu levasse uma surra e, em outras ocasiões, ela interferia para evitá-lo, conforme seu humor. Ela era um estranho composto de humanidade e brutalidade. Ela sempre navegava com o capitão.

Em nossa primeira viagem, fomos para o Rio Grande. A viagem, em si, teria sido razoavelmente agradável se eu não tivesse ficado mareado. O porto no Rio Grande é um tanto raso e, ao entrar, encalhamos na areia. Como isso aconteceu na maré baixa, foi muito difícil fazê-lo flutuar novamente mas, enfim conseguimos. Permutamos nossa carga por carne seca e prosseguimos para o Rio de Janeiro, onde conseguimos vendê-la em pouco tempo. Dirigimo-nos, então à Santa Catarina para obter Farina,* uma espécie de farinha usada principalmente pelos escravos. De lá, voltamos novamente ao Rio Grande, trocamos nossa carga por óleo de baleia e saímos para o mar novamente, rumo ao Rio de Janeiro. Como a nau estava sobrecarregada, enfrentamos maus momentos; pensávamos estar todos perdidos mas, ao aliviar a embarcação de parte de sua carga, jogando uma quantidade ao mar, o navio e toda sua tripulação foram salvos, mais uma vez, das mandíbulas vorazes do elemento destrutivo. Ventos de proa prevaleciam e, embora avistássemos o porto por vários dias, não conseguíamos chegar ao ancoradouro por mais que tentássemos.

Enquanto permanecíamos naquela posição duvidosa, sem saber se estávamos perdidos ou não, ocorreu-me que a morte seria apenas uma libertação de meu cativo e, por isso mesmo, mais bem-vinda que o contrário. Na verdade, pouco me importava com o que pudesse acontecer. Era apenas um escravo e me sentia como uma pessoa sem esperança ou perspectiva de libertação, sem amigos ou liberdade. Não tinha nenhuma esperança em relação a este mundo e nada sabia sobre o outro; tudo era desalento, tudo era temor. O presente e o futuro eram uma coisa só, não havia linha divisória, tudo Labuta! Labuta!! Crueldade! Crueldade!! Nenhum fim, a não ser a morte, para os meus sofrimentos.

Não era Cristão naquele tempo, nada sabia sobre o amor do Salvador, nada sobre sua graça salvadora, seu amor pelos pobres pecadores perdidos,

* Grafado desta forma no original. (N.T.)

sobre sua missão de paz e boa vontade para com todos os homens, nem havia ouvido falar naquela boa terra, tão graciosamente descrita pelo poeta, “uma terra de puro deleite onde habitam santos imortais”, terra prometida, da qual a cada dia o Cristão mais se aproxima. Não! Essas “novas de grande alegria” não haviam sido transmitidas à minha mente sombria e tudo era negro desespero. Mas, quando ouvi as palavras do Salvador, “vinde a mim todos os que estais oprimidos e eu vos aliviarei”, eu o procurei e encontrei e foi como um bálsamo para as minhas feridas, uma consolação para minha alma atormentada. Quando penso em tudo isso e considero o passado, fico feliz por seguir lutando neste mundo para cumprir minha missão aqui, e fazer o trabalho de que sou incumbido. Ah! Crisandade, vós que sois apaziguadora dos sofrimentos do homem, guia dos cegos e força dos fracos, ide em vossa missão, anunciai em toda parte as pacíficas novas de salvação e fazei feliz o coração do homem e, “então, o deserto será feliz e florescerá como a rosa”. Então, a escravidão com todos os seus horrores finalmente chegará a seu término pois ninguém possuindo o vosso poder e sob vossa influência pode perpetuar um chamado tão completamente discrepante e repugnante a todas as vossas doutrinas.

Depois de muito trabalho, atracamos em perfeita segurança. Durante essa viagem, suportei mais punições corporais do que em toda a minha vida. Um dia, o contramestre, um camarada que era um perfeito bruto, mandou-me lavar a embarcação, quando acabei o serviço, ele apontou para um lugar onde disse haver uma mancha e, blasfemando, ordenou-me que esfregasse ali novamente, o que fiz. Porém, como não estava de bom humor, ordenou-me que fizesse aquilo uma terceira vez, e assim por diante.

Ao perceber que era apenas um capricho, não havendo mancha alguma para limpar, enfim recusei-me a continuar esfregando. Ele então me atacou com um cabo de vassoura e, tendo o escovão de esfrega em minha mão, eu o ergui contra ele. O senhor, que viu tudo o que se passava, ficou muito bravo comigo por tentar atingir o contramestre. Ordenou a um de seus imediatos que lhe cortasse um pedaço de corda; ele me disse que seria açoitado, e eu respondi “muito bem”, mas continuei trabalhando, mantendo sempre um olho nele, observando seus movimentos. Quando havia servido o café da manhã, ele veio por trás de mim antes que eu pudesse sair de seu caminho, e me bateu nos ombros com a corda que, sendo muito comprida, pendeu para baixo e me acertou com muita força no estômago, provocando dor e náuseas; a força com a qual esse golpe me acertou me derrubou e, assim, prostrado no convés, ele me espancou de um modo extremamente brutal. Minha senhora interveio, a essa altura, salvando-me de violências adicionais.

Permanecemos no Rio de Janeiro por quase um mês. Enquanto estávamos lá, ocorreu um incidente que passo a relatar como ilustração do sistema da escravidão.

Um dia, tive que ir à terra com meu senhor como um dos remadores. Enquanto estive lá, bebi vinho à vontade e, vendo meu senhor por perto, voltando para o bote, fui em direção ao lugar onde este se encontrava e, estando um tanto atordoado com a bebida e perturbado por ter visto meu senhor, caí na água mas, como era raso, não sofri nada além de um bom mergulho por conta de minha bebedeira. Fui retirado de lá com facilidade. Enquanto remava, minha cabeça girava muito, devido aos efeitos do álcool que tinha bebido e, conseqüentemente, não puxava o remo com firmeza. Quando meu senhor, vendo que eu estava em apuros, perguntou o que havia comigo, eu respondi “nada senhor”; ele perguntou mais uma vez, “você andou bebendo?” eu respondi, não senhor! Assim, sendo mal tratado, aprendi a beber e, a partir disso, aprendi a mentir e, sem dúvida teria ido, passo a passo, de mal a pior até que nada fosse suficientemente vil para meu gosto, e tudo isso por meio do horrível sistema da escravidão. Fico feliz, porém, ao dizer que fui levado, pela graça de Deus, a abandonar meus hábitos pecaminosos.

Quando a carga foi desembarcada, um mercador Inglês, que tinha uma quantidade de café para ser transportada para Nova Iorque, contratou os serviços de meu senhor. Estipulou-se, depois de algum tempo, que eu o acompanharia, juntamente com vários outros, para servi-lo a bordo do navio.

Tínhamos aprendido que em Nova Iorque não havia escravidão, que era um país livre e que, uma vez ali, nada tínhamos a temer de nossos cruéis senhores e estávamos muito ansiosos para chegar lá.

Antes de zarpar, fomos informados de que íamos para uma terra de liberdade. Disse, então, você nunca mais me verá, uma vez que tenhamos chegado lá. A idéia de estar a caminho de um país livre me enchia de alegria e despontava em mim um raio de esperança de que não estava distante o dia em que seria um homem livre. Na verdade, já me sentia *livre*! Como era belo o resplandecer do sol naquela manhã memorável, a manhã da nossa partida para a terra da liberdade sobre a qual tanto havíamos ouvido falar. Os ventos também estavam favoráveis, logo as velas se desfraldaram diante da brisa animadora e nosso navio rumou para aquela terra feliz. Durante aquela viagem, as obrigações do serviço pareciam leves, na verdade, em antecipação à visão daquela terra grandiosa e absolutamente nada me perturbava. Obedeci a todas as ordens de bom grado e com vivacidade.

Aquela foi a época mais feliz de minha vida, mesmo agora meu coração palpita com jubiloso deleite quando penso naquela viagem, e creio que Deus todo misericordioso tudo ordenou para o meu bem; como me sentia grato.

Os ventos permaneceram favoráveis durante um percurso veloz de vários dias seguidos, após os quais enfrentamos tempestades e borrascas que não só retardaram um tanto nosso progresso, como nos puseram em perigo de sermos enviados “àquele destino do qual nenhum viajante retorna”, pois temeu-se pela nossa segurança. Uma noite, durante a viagem, um verdadeiro furacão soprou a noite inteira e, pouco antes do amanhecer, a lâmpada da bitácula apagou com o pesado balanço do navio. Ordenaram-me que a acendesse, mas devido ao vento forte, depois de várias tentativas, fracassei completamente. Ahá, diz o capitão, meu rapaz, você não consegue acender a bitácula, não é?

O homem a postos no leme disse que já havia clareado o bastante, e que podia passar sem a lâmpada e enxergar o compasso a contento. Porém, como ordens foram dadas, estando ou não a luz em falta, elas têm que ser obedecidas; assim, mais três imediatos foram chamados e um cobertor foi colocado em volta da bitácula para protegê-la contra o vento, finalmente conseguiram acendê-la, mas eu, não sabendo como fazê-lo, não havia podido acendê-la, eu havia tentado diversas vezes. Depois disso, o capitão saiu de sua cabine, vestiu-se e mandou-me acender sua lâmpada; quando fui atendê-lo, ele apanhou uma vara grossa para me bater e, apontando um golpe em minha cabeça, levantei o braço para evitar que ela fosse atingida, ele me disse para manter minha mão abaixada. Eu obedeci, mas quando o golpe descia, levantei a mão novamente e consegui salvar meu crânio de ser rachado; ele não queria acertar minha mão pois isso me impediria de fazer meu trabalho, mas estando ou não com minha cabeça quebrada, teria que dar conta de meu serviço rotineiro. Ele então me disse para dar meia volta para que pudesse bater-me por trás. Eu lhe disse para me bater o quanto quisesse. Ele estava enfurecido e batia a esmo em minha cabeça e corpo, onde porventura acertasse. Eu o desafiei a fazer o pior, a fazer o que pudesse para tirar sua mais completa vingança numa pessoa miserável como eu. Ele então chamou três imediatos e lhes ordenou que me amarrassem ao canhão. Pensei em me jogar na água, mas não me sentia plenamente satisfeito com a perspectiva de ir sozinho; se pudesse ter o prazer de levá-lo comigo, teria me jogado de bom grado. Os três homens me agarraram e me prenderam de bruços sobre o canhão; foram ordenados a açoitar-me, o que fizeram com bastante diligência; ele então exigiu que eu me submetesse e lhe implorasse por misericórdia, mas isso eu não faria. Eu disse a ele para me matar se assim o quisesse, mas por misericórdia em suas mãos eu não iria implorar! Também lhe disse que quando me desatassem do canhão, ele deveria se cuidar; naquele dia, enquanto examinava meu corpo dilacerado sangrando, refleti que, embora estivesse machucado e despedaçado, meu coração não estava subjugado.

Assim que me desataram avancei em direção ao capitão, que deu ordens aos homens para me prenderem na proa do navio e não deixarem que eu me aproximasse dele novamente. Os cortes e machucados me deixaram tão dolorido que não consegui fazer nada por vários dias.

Enquanto estava doente, o capitão me mandava boas provisões de sua própria mesa, sem dúvida para conciliar-se comigo depois dos maus feitos cruéis que me havia infligido, mas foi em vão. Não tinha a menor pressa em voltar novamente ao trabalho, já que antes disso ele muitas vezes fez com que eu fosse açoitado por não conseguir realizar algo que demandaria o trabalho de três homens. Assim, dali em diante, senti-me inclinado a deixá-lo passar sem quaisquer de meus serviços.

A escravidão é má, a escravidão é um erro. Esse capitão fez uma enorme quantidade de coisas cruéis que seria horrível relatar. Ele tratava as escravas com imensa crueldade e barbaridade. Ele impunha toda a sua vontade, não havia ninguém para tomar o partido delas. Ele era, naquele tempo, o “monarca de tudo o que estivesse sob sua vista”, o “rei da casa flutuante”, ninguém ousava contestar seu poder ou controlar sua vontade. Mas está se aproximando o dia em que seu poder será investido em outro e de sua intendência terá que prestar contas. E, aí, que explicação poderia ele dar para os crimes impiedosos cometidos sobre os corpos contorcidos dos pobres miseráveis que estavam sob seu jugo, quando seu reinado cessar e a grande prestação de contas chegar, o que ele dirá? Qual será seu destino? Isso só será revelado quando o grandioso livro for aberto. Que Deus o perdoe (em sua infinita misericórdia) pelas torturas infligidas em seus semelhantes, embora de aparência diferente.

A primeira palavra do Inglês que meus dois companheiros e eu aprendemos foi L-i-v-r-e; ela nos foi ensinada por um Inglês a bordo e, oh! quantas e quantas vezes eu a repeti. Esse mesmo homem contou-me muito a respeito da cidade de Nova Iorque, (ele sabia falar Português). Ele me contou que as pessoas de cor em Nova Iorque eram todas livres, o que me fez sentir muito feliz e ansiava pelo dia vindouro quando estaria lá. O dia, enfim, chegou, mas não era coisa fácil fugir, para dois rapazes e uma moça que sabiam falar apenas uma palavra de Inglês, não tendo, como tínhamos suposto, qualquer amigo para nos ajudar. Mas Deus era nosso amigo, como se comprovou no final, e fez surgir para nós muito amigos em uma terra estranha.

O piloto que veio a bordo de nosso navio nos tratou com muita bondade – ele parecia diferente de qualquer pessoa que eu já tinha visto antes – e essa pequena circunstância nos encorajou. No dia seguinte, muitas pessoas de cor vieram a bordo, e pergutaram se éramos livres. O capitão nos havia dito anteriormente para não contarmos que éramos escravos, mas não

atendemos ao seu desejo, e ele, ao ver tantas pessoas vindo a bordo, começou a temer que sua propriedade teria a idéia de dar no pé e fugir. Ele então, muito prudentemente, nos informou que Nova Iorque não era lugar para nós nos aventurarmos – que era um lugar muito ruim e que, tão certo como as pessoas iriam nos apanhar, nos matariam. Mas, quando estávamos a sós, concluímos que na primeira oportunidade nos arriscaríamos para ver como nós nos sairíamos em um país *livre*.

Um dia, depois de ter tomado bastante vinho, fui imprudente a ponto de dizer que não ficaria mais a bordo, que eu seria livre. O capitão, ouvindo isso, me chamou lá embaixo e ele e mais três tentaram me prender, mas não conseguiram; no fim, porém, eles conseguiram me prender num quarto da proa. Fiquei confinado ali vários dias. O homem que trazia minha comida batia na porta e, se eu lhe dissesse para entrar, ele entrava, se não, ele passava ao largo de meu quarto e eu não recebia comida. Numa ocasião eu lhe disse que não permaneceria preso ali vivo nem mais um dia, que iria sair. E, ao anoitecer, havendo alguns pedaços de ferro no quarto, apanhei um deles – uma barra com cerca de dois pés de comprimento – e com esta abri a porta à força e fui-me embora. Os homens estavam todos ocupados trabalhando e a esposa do capitão estava em pé no convés quando subi de minha prisão. Eu os ouvi perguntando uns aos outros quem havia me deixado sair, mas ninguém soube dizer. Fiz medidas diante da mulher do capitão e segui adiante, para a amurada da embarcação. Havia uma prancha estendida do navio à terra. Atravessei-a andando e saí correndo como se fosse por minha vida, sem saber, é claro, para onde ia. Fui observado em minha fuga por um vigia que era um pouco manco. Ele procurou me deter, mas me safei dele e segui em frente até alcançar uma loja em cuja porta me detive um pouco para respirar. Eles me perguntaram o que é que havia, mas eu não podia lhes contar já que não sabia nada de Inglês exceto a palavra *L-i-v-r-e*. Pouco depois, o vigia manco e outro homem me alcançaram. Um deles tirou uma estrela brilhante do bolso e me mostrou, mas eu não conseguia compreender o que ele queria com isso. Fui então levado para a casa de guarda e trancafiado ali a noite inteira. Na manhã seguinte o capitão chegou, pagou as despesas e me levou com ele de volta ao navio. Os oficiais me disseram que eu seria um homem livre se assim escolhesse, mas eu não sabia como agir. Assim, depois de um pouco de persuasão por parte do capitão, este me induziu a voltar com ele, pois não havia o que temer. Isso aconteceu num Sábado, e nas Segunda-feira seguinte, à tarde, três carruagens chegaram, parando perto da embarcação. Alguns cavalheiros desceram delas e vieram a bordo. Eles andaram de um lado para o outro do convés conversando com o capitão, dizendo-lhe que todos a bordo eram livres e exigindo que ele hasteasse a bandeira. Ele enrubesceu um bocado e disse que não o faria,

enfureceu-se e esbravejou muito. Fomos, posteriormente, levados em suas carruagens, acompanhados pelo capitão, a um prédio muito bonito com um pórtico esplêndido na parte da frente. Sua entrada, à qual se subia por um lance de escadarias de mármore, era circundada por uma elegante grade de ferro, tendo portões em diversos lugares, ornamentada ao redor com árvores e arbustos de vários tipos. A mim, este pareceu-me um lugar muito belo, já que nunca havia visto nada parecido antes. Soube posteriormente que este prédio era a Prefeitura de Nova Iorque. Quando chegamos ao salão do prédio, este estava apinhado de gente de todos os tipos, e um grande número de pessoas estava em pé, próximo às portas e às escadarias, e espalhadas pelo pátio. Alguns conversavam, outros apenas passavam o tempo andando para lá e para cá. O cônsul brasileiro estava lá e quando fomos chamados, perguntaram-me se desejávamos permanecer ali ou voltar para o Brasil. Respondi pelo meu companheiro e por mim que nós não desejávamos voltar, mas a escrava que estava conosco disse que ela voltaria. Não tenho dúvidas de que ela preferiria ficar mas, vendo o capitão ali, ficou intimidada e teve medo de dizer o que pensava, e o meu companheiro também. Eu, por outro lado, disse audaciosamente que preferia morrer do que voltar ao cativeiro!! Depois que uma enorme quantidade de perguntas foi feita e respondida, fomos levados ao que eu supunha ser uma prisão e ali trancafiados. Alguns dias depois, fomos conduzidos outra vez à Prefeitura e muitas outras perguntas foram feitas. Fomos então levados de volta aos nossos velhos alojamentos, à prisão, como preparativo, assim supunha, para sermos enviados novamente ao Brasil, mas não tinha certeza disso, pois não conseguia compreender todas as cerimônias de nos trancafiar e nos soltar, conduzindo-nos ao tribunal para nos fazerem perguntas e nos exibirem diante do público ali reunido – tudo isso era novidade para mim; portanto, eu não conseguia compreender plenamente o significado de tudo isso, mas tinha muito medo de estarmos prestes a sermos devolvidos ao cativeiro – tremia só de pensar nisso! Enquanto estávamos encarcerados, alguns amigos que haviam se interessado muito por nossa causa, tramaram um meio pelo qual as portas da prisão foram abertas enquanto o carcereiro dormia. Não encontramos dificuldade alguma em passar por ele e alcançar, mais uma vez, “o ar puro do paraíso”, e, com a ajuda daqueles amigos, a quem jamais hei de esquecer, me foi possível chegar à cidade de Boston, em Massachussetts. Ali permaneci sob a proteção deles por cerca de quatro semanas, quando foi acertado que eu deveria ser enviado à Inglaterra ou ao Haiti. Fui consultado sobre o assunto para saber o que eu preferia e, depois de ter ponderado por algum tempo, pensei que o clima do Haiti seria mais parecido com aquele de meu próprio país e que conviria melhor à minha saúde e meus sentimentos. Não sabia exatamente que tipo de lugar era a Inglaterra, senão talvez tivesse

preferido ir para lá, especialmente porque, como soube posteriormente, quase todos os ingleses são amigos do homem de cor e de sua raça, e eles têm feito muito pelo meu povo em termos de seu bem-estar e progresso e continuam lutando até hoje pela causa abolicionista e por todas as outras boas causas. Naquelas circunstâncias, resolvi ir para o Haiti; assim sendo, uma passagem gratuita foi providenciada para nós e uma quantidade considerável de provisões foi angariada para meu consumo durante a viagem.(...)”